

Contribuições Freirianas *na formação de professores/as*

Freirian contributions:
teacher education

Contribuciones freirianas
en la formación de profesores

LIANDRA DE OLIVEIRA BARRETO*

Universidade Federal de Goiás, Goiânia- GO, Brasil.

MATHEUS SANTOS COSTA**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia- GO, Brasil.

PHÂMELLA NERES DE LIMA***

Universidade Federal de Goiás, Goiânia- GO, Brasil.

SIMONE SENDIN MOREIRA GUIMARÃES****

Universidade Federal de Goiás, Goiânia- GO, Brasil.

RESUMO: Um diálogo freiriano tem início no processo de escuta. Mas, escutar não é só ouvir palavras, escutar é estar atento ao outro. A partir das ideias de Paulo Freire, o objetivo deste texto foi problematizar uma experiência docente em um colégio de Goiânia (GO) durante o estágio supervisionado. Desenvolvida com alunos do ensino médio, foi uma intervenção pedagógica sobre diversidade. Foram realizados quatro encontros e a prática pedagógica foi pautada no diálogo

* Licenciada em Ciências Biológicas e mestranda em Biodiversidade Animal – Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* <liandra454@gmail.com>.

** Licenciado em Ciências Biológicas e mestrando em Biodiversidade Animal pela Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* <conectheus.net@gmail.com>.

*** Licenciada em Ciências Biológicas e mestranda em Biodiversidade Animal pela Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* <phamelladelima@gmail.com>.

**** Licenciada em Biologia, mestre e doutora em Educação. Atualmente é Professora Associada Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* <sisendin@gmail.com>.

freiriano. Os resultados dessa experiência indicam que uma ação dialógica aproxima professores em formação e estudantes, criando uma relação que pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Formação de Professores. Diversidade. Paulo Freire.

ABSTRACT: A Freirean dialogue has its beginnings at the listening process. However, the act of listening is not simply the act of listening to words; it is the act of paying attention to others. Starting from Paulo Freire's ideas, the objective of this text is to cover a teaching experience in a school from the city of Goiânia (GO) during a supervised internship. It was a pedagogical intervention on diversity developed side by side with high school students. There were four meetings, and the pedagogical practice was based on Freirean dialogues. The results of this experience indicate that a dialogic action brings together teachers under training and students, creating a relationship that contributes to the teaching-learning process.

Keywords: Teacher education. Diversity. Paulo Freire.

RESUMEN: Un diálogo freiriano comienza en el proceso de escucha. Pero escuchar no es solo oír palabras, escuchar es prestar atención al otro. A partir de las ideas de Paulo Freire, el objetivo de este texto fue problematizar una experiencia docente en una universidad en Goiânia (GO) durante la pasantía supervisada. Desarrollada con estudiantes de secundaria, fue una intervención pedagógica sobre la diversidad. Se realizaron cuatro encuentros y la práctica pedagógica estuvo guiada por el diálogo freiriano. Los resultados de esta experiencia indican que una acción dialógica acerca a los profesores en formación y a estudiantes, creando una relación que puede contribuir al proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Formación de profesores. Diversidad. Paulo Freire.

Introdução

Dizem por aí que ensinar é um processo fácil, tranquilo, quase intuitivo. Mas, não é! Exige saberes teórico/práticos rigorosos que fundamentam a ação pedagógica. Porém, esses saberes não são uma receita de “como” ensinar e de “como” aprender, o que dificulta o processo de ensino, complexificando o ato pedagógico.

Historicamente o professor também foi visto como o detentor do conhecimento e os alunos, ouvintes. Assumir que o processo de ensino-aprendizagem é algo que possui várias facetas, é também compreender a complexidade por trás desse procedimento.

No sentido de superar essa perspectiva transmissão-recepção na educação, Paulo Freire acreditava em uma proposta pedagógica pautada na conscientização, na qual o sujeito, ao se relacionar com o objeto de estudo, poderia captar criticamente a unidade dialética entre o eu e o objeto. Por isso não existe conscientização fora da práxis. Ou seja, não existe uma dicotomia entre a teoria e a prática (TORRES e FREIRE, 1979).

Para Freire (2001), ensinar não é a transferência de conhecimento, mas um processo no qual o professor cria as condições para que o aluno construa ou apreenda esses conhecimentos. Essa criação de condições passa essencialmente pela superação de um professor que “enche” os educandos de conteúdos que, normalmente, são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que estão inseridos.

Para uma formação que supere o ensino como transferência de conhecimentos ou a concepção transmissão-recepção no ensino e, efetivamente, coloque o estudante no movimento de aprender, Paulo Freire entende que é preciso superar a educação bancária. Na visão bancária de educação, o saber é uma doação de quem sabe muito para quem nada sabe, processo que anula o poder criador dos educandos e sua criticidade (FREIRE, 2001). Na educação bancária o currículo é fechado e seus conteúdos “enchem” o pote vazio do estudante. As informações sobre ciências ou biologia nesse currículo são distantes da situação existencial do aluno, e sem contexto ou história esses conteúdos normalmente servem para serem memorizados e reproduzidos em avaliações censitárias. O professor fala, mas o que impera em sala de aula é o silêncio passivo dos estudantes. Ainda para o autor (2001), a educação bancária marginaliza o sujeito negando sua vocação de “ser mais”, de se humanizar.

No sentido de superar essa situação, Freire (2003) propõe uma educação problematizadora e dialógica. Entendemos que são vários os mecanismos utilizados pelos docentes para chegar aos objetivos de aprendizagem, ou seja, a apropriação e assimilação do conhecimento acerca do assunto proposto em sala de aula pelo aluno. Uma das propostas pedagógicas das quais o professor pode se valer é a pedagogia freiriana. Um aspecto relevante da proposta do autor é o diálogo. Mas o que é um diálogo?

Em qualquer dicionário *on-line*, a expressão diálogo aparece como uma fala em que há a interação entre dois ou mais indivíduos, normalmente nessa definição o diálogo aparece como sinônimo de conversa. Para Kramer e Nunes (2011) uma educação pautada no diálogo é mais do que uma simples conversa, é uma condição *sine qua non* para o ensino pois valoriza o sujeito na relação com a aprendizagem. Para os autores, esse sujeito que aprende é entendido como ser dialógico que não apenas conserva sua identidade, mas a defende e assim cresce com o outro. É a partir da dialógica que o aluno desenvolve sua capacidade de se comunicar, relacionar-se e produzir seu conhecimento. Essa perspectiva

é bidirecional, na qual a subjetividade e vivências histórico-sociais do aluno é levada em consideração, bem como a do professor. Isso aproxima o docente do aluno e estabelece uma relação entre eles, tornando o diálogo um importante mecanismo no processo de ensino-aprendizagem.

O diálogo freiriano não consiste no falar por falar ou ação pela ação, mas sim na utilização da práxis, resultando em ação-reflexão-ação dos sujeitos envolvidos a partir da realidade de cada um. O diálogo não é somente a troca de ideias e palavras, é o encontro destas por meio da reflexão problematizada pelos sujeitos que a constroem. Isso só é possível com humildade, cada sujeito deve respeitar o pensamento do outro e estes não devem se sentir superiores aos ideais alheios.

O diálogo se fundamenta no amor, na tolerância, na humildade, na esperança e esta por sua vez move o diálogo “[...] a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo” (FREIRE, 2003:72). Os sentimentos que fundamentam o diálogo não se tratam de sentimentos românticos de afeição ou ingenuidade, mas sim por características de respeito, tolerância e empatia (FREIRE, 2001). O diálogo também requer confiabilidade e fé no outro, como afirma Paulo Freire (2001:81) “não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer, de criar e recriar”. Para Santos (2015), existem características próprias de um diálogo na perspectiva freiriana e elas incluem: colaboração; humildade; escuta; fé nos homens; união e criticidade. Quando o diálogo é composto pelas características descritas, estabelece uma relação horizontal – de mesmo nível – entre os sujeitos envolvidos, que se tornam autônomos e conscientes.

Porém, o autor adverte que existem limites para o diálogo, isso porque em uma sociedade de classes não há diálogo na visão macroeducacional. Para Gadotti (2016b), não é possível esperar uma escola “comunitária” numa sociedade classista, pois a escola não é uma ilha, está inserida com todas as suas contradições na sociedade. Para o autor, “numa sociedade de classe toda educação é classista. E, na ordem classista, educar, no único sentido aceitável, significa conscientizar e lutar contra esta ordem, subvertê-la” (p.13). Esse parágrafo não pretende condenar o diálogo pelo qual militamos em todo texto até aqui, mas pretende mostrar a contradição, ao reafirmar que o diálogo de que nos fala Paulo Freire não é um diálogo romântico, entre classes, entre oprimidos e opressores, mas um diálogo crítico entre oprimidos para a superação de sua condição, para a luta comum (GADOTTI, 2016b).

A partir da fundamentação teórica apresentada, podemos explicitar que esse texto pretende problematizar uma experiência docente em um colégio de Goiânia (GO), durante o estágio supervisionado de um curso de licenciatura em ciências biológicas. Essa experiência envolveu a construção de um projeto de intervenção pedagógica, que tinha como temática a ideia de diversidade na sociedade. Envolveu, também, uma orientadora de estágio (professora da universidade), uma supervisora de estágio (professora da escola),

três professores em formação (estudantes da licenciatura em ciências biológicas e aproximadamente 40 alunos do 1º ano do ensino médio).

De maneira mais sistemática, podemos dizer que o objetivo geral deste trabalho foi problematizar o diálogo (freiriano) como possibilidade de aproximação da relação professor (licenciando)-aluno e, assim, contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. De maneira mais específica objetivamos: **a)** conceituar o diálogo (freiriano) como possibilidade pedagógica; **b)** apresentar um relato de experiência que se fundamenta nessa perspectiva para a atuação docente de professores em formação.

As características do *locus* de ação

O trabalho apresentado é fruto de uma atividade de estágio curricular obrigatório (ECO) desenvolvida em um curso de licenciatura em ciências biológicas de uma universidade pública do estado de Goiás, em parceria com uma escola pública estadual situada na periferia da cidade de Goiânia. Nesse curso, o ECO é dividido em: ECO I: Realização de um Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) (5º período do curso/100h); ECO II: Desenvolvimento do PIP no colégio (6º período do curso/100h) e ECO III: Estágio docência (8º período do curso/200h). No ECO I, os discentes fazem um diagnóstico na escola e, depois, em conjunto elaboram o PIP, e no ECO II ele é desenvolvido.

O ECO I foi cursado por 14 estudantes divididos em cinco grupos (cada um responsável por uma turma de 1º ano do ensino médio). O processo de elaboração do PIP foi coletivo e o desenvolvimento que será apresentado foi realizado por três estagiários em uma das turmas.

O processo de elaboração do PIP: diálogo na cabeça

No ECO I, os futuros professores foram organizados em grupos para que fosse realizada uma diagnose da escola. Os estagiários fizeram a leitura e discussão do projeto político pedagógico (PPP) da escola e, a partir de um questionário elaborado e entregue para todos os sujeitos da escola (gestores, funcionários, professores e estudantes), puderam conhecer o local onde iriam atuar e os principais desafios a serem enfrentados. A análise do PPP mostrou que o colégio é antigo (mais de 40 anos) e foi recentemente militarizado (2015). Tem valores cristão e entende que a aprendizagem só acontece com ordem e disciplina. Em relação aos questionários, o que mais chamou a atenção dos estagiários foi que grande parte dos alunos relatou que não sabia interpretar o que copiava do quadro ou dos textos e tinha dificuldade na leitura e escrita da língua portuguesa. Durante essa análise, foi possível perceber que os alunos se sentiam incomodados com

a padronização militar; como exemplos: a farda, o corte de cabelo, a impossibilidade de unhas com esmalte, maquiagem ou uso de boné ou cabelo “afro”, além das continências.

Assim, considerando o PPP que investe em um discurso de ordem, filas e disciplinas e padrões (estéticos e comportamentais) e os resultados relacionados à percepção dos estudantes (padronizações e dificuldades de leitura/escrita), a turma de estagiários, no coletivo e mediados pelas professoras, decidiu que o tema do PIP seria “diversidade”. Depois de pesquisas bibliográficas e de muito diálogo, o tema diversidade pareceu muito abrangente, assim, foi realizado um recorte, envolvendo os temas: religião, etnia, gênero e sexualidade. Além disso, a estratégia a ser utilizada incluiria a prática de leitura e produções textuais.

No ECO II, o projeto foi rediscutido e algumas mudanças foram realizadas, mas a temática geral permaneceu. Erros de formatação, coesão, coerência, ortografia e gramática foram sanados. Para subsidiar as atividades, no primeiro mês foram selecionados pela professora do estágio, lidos e debatidos diversos textos sobre o tema do projeto. Essas leituras e debates proporcionaram o embasamento teórico mais denso para as discussões na escola. Além disso, foram lidos e debatidos pelo grupo os textos sobre o diálogo freiriano. As leituras e os debates, ajudaram o grupo na produção de dois textos paradigmáticos, que seriam usados durante o desenvolvimento do PIP. Um dos textos tinha a temática “religião e etnia” e o outro “gênero e sexualidade”.

Desenvolvimento na escola: o diálogo acontece

Também considerando as informações do instrumento de diagnose utilizado, as turmas selecionadas para o desenvolvimento do projeto foram todas as turmas de 1º ano da escola (cinco turmas). O grupo de estágio foi dividido em quatro trios e uma dupla e, assim, cada um dos grupos de estagiário ficou responsável por uma das turmas do 1º ano.

O projeto foi pensado pelos estagiários para ser desenvolvido em um total de cinco encontros, quatro em sala de aula e um para a realização de uma Feira Cultural, na qual os estudantes iriam expor o material por eles produzido. Foram três semanas de encontros, a primeira com dois encontros e a segunda com outros dois. Na terceira semana aconteceria a Feira. Os dias destinados à sala de aula foram divididos em duas semanas.

Considerando que a intenção era desenvolver uma atividade pautada no diálogo, foram propostas atividades nas quais os estagiários fariam um exercício de “horizontalidade” e “escuta” na condução das aulas. Foram delimitadas duas rodas de conversa e duas oficinas para cada um dos temas. Tanto a roda de conversa como a oficina podem ser consideradas estratégias mais ativas, nas quais o estudante pode ativamente participar. A figura a seguir esquematiza a dinâmica dos encontros.

Figura 1: Cronograma dos encontros na escola

Semanas	Dia	Tema	Atividade Desenvolvida
1º Semana	Dia 1: 26/09/17	Etnia e Religião	Roda de conversa
	Dia 2: 28/09/17	Etnia e Religião	Oficina
2º Semana	Dia 3: 03/10/17	Sexualidade e Gênero	Roda de conversa
	Dia 4: 05/10/17	Sexualidade e Gênero	Oficina
3º Semana	Dia 5: 26/10/17	Geral	Feira Cultural

Fonte: Elaboração dos autores.

Na primeira semana, o tema escolhido para a roda de conversa e a oficina foi Religião e Etnia. Na roda de conversa, utilizamos o texto escrito pelo coletivo dos estagiários. Os alunos foram chamados a realizar a leitura de trechos do texto em voz alta e, após a leitura, houve um debate sobre o assunto. Temas como intolerância religiosa e racismo foram abordados. Na oficina em que os alunos iriam produzir textos, nosso grupo escolheu trabalhar com o *Lambe*, um estilo de texto com frases simples e pequenas, mas que causam impacto em quem lê. Nesse estilo, além das frases, pode-se usar imagens para complementar a ideia com a qual se quer trabalhar. Os *Lambes* produzidos foram baseados na roda de conversa e nos temas que emergiram da fala dos estudantes.

Na segunda semana trabalhamos a temática Gênero e Sexualidade a partir do texto também produzido pelo coletivo de estagiários. Assim como na primeira semana, no primeiro dia ocorreu a roda de conversa com a leitura o debate do texto e no segundo dia a oficina foi a produção de *Lambes* com o tema da semana.

Depois dessas duas semanas de intervenção, os professores em formação que acompanharam a turma realizaram correções nos materiais produzidos e, junto com os estudantes da escola, organizaram o material que seria exposto durante a Feira Cultural.

Resultados e discussão

O ECO II era uma turma composta por estudantes heterogêneos no que se refere à experiência docente. Alguns já tinham participado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Capes/MEC e ministrado aulas como substitutos, outros nunca haviam entrado em uma sala de aula. Em nosso grupo, composto por três licenciandos, somente uma integrante nunca havia tido experiência em sala de aula como professora. Isso não constituiu um problema, a priori, porém, a estreia é sempre um momento de tensão para todos.

Como indicado anteriormente, a proposta foi desenvolvida com alunos de uma turma de 1º ano do ensino médio com aproximadamente 40 alunos. A turma foi descrita (por relato de Pibidianos da escola e professores) como composta por alunos impacientes, que gostavam muito de conversar e relativamente indisciplinada.

Depois de muito preparo e orientações na universidade, no primeiro dia de intervenção, repassamos várias vezes nosso plano de aula para aquele dia; pensamos também em vários planos alternativos, caso o diálogo com os alunos não se efetivasse. No horário combinado com a coordenação, com as mãos suadas, os corações disparados e a ansiedade a mil, entramos em sala de aula. E nesse momento tivemos o primeiro enfrentamento: a falta do professor da turma. Quando os alunos perceberam nossa presença (estagiários) e a falta de um professor titular foi como se eles vissem um cartaz dizendo “sim” para a bagunça, a gritaria e principalmente para a falta de respeito. Foi assustador ver quase 40 alunos gritando, batendo nas mesas, cantando e fazendo paródias que não condiziam com o ambiente escolar. Respiramos fundo e depois de um tempo, investindo no diálogo sem efeito, conseguimos acalmá-los usando um tom de voz mais alta que a deles e, no final, literalmente gritamos por silêncio.

Essa prática autoritária vai contra o que afirma Paulo Freire (2000:99). “O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade [...]” e ela, segundo Vicente Zatti (2007 p. 56) é “nociva à autonomia já que o autoritarismo mantém o educando excessivamente dependente da autoridade e poda a liberdade de escolher e fazer por si mesmo”- o que prejudica o processo de ensino aprendizagem afastando-o do professor e criando uma lacuna na relação professor aluno, impossibilitando o diálogo.

Assim que “antialogicamente” conseguimos organizar a turma, apresentamos a proposta, indicamos nossos objetivos de aprendizagem e nossas estratégias de ensino. Deixamos claro nesse momento que gostaríamos de trabalhar coletivamente, a partir de um diálogo respeitoso entre futuros professores e educandos. Nesse momento, distribuímos os textos sobre “Religião e Etnia” para cada aluno da turma.

Pedimos para que eles fizessem a leitura do texto em voz alta, pois a questão da leitura e interpretação de texto eram elementos identificados como frágeis na diagnose. Nesse momento, tivemos outro enfrentamento, a valorização da nota em detrimento do conhecimento. Uma grande parte dos alunos deixou claro naquele momento que não realizaria a leitura. Assim, foi necessário escolher quem iria ler e ainda ouvir “quero ver se alguém vai fazer o que pediu” de um dos alunos.

Nesse contexto frustrante, o professor, ao reconhecer que sua prática muitas vezes não funciona, pode “[...] negar-se a realizar qualquer esforço, mesmo aqueles importantes no campo da educação [...]” (FREIRE, 2014:30), o que o desanima quanto a sua profissão. Essa realidade é vivenciada pelos docentes no seu dia a dia de trabalho, pois a maioria dos ambientes escolares não favorece uma boa prática pedagógica. Por sorte, o aluno escolhido leu e, por ele ter iniciado, os outros foram tendo iniciativas também. O ruim

era que nem todos estavam lendo por boa vontade, alguns liam para fazer piada e rir do que estavam lendo. Depois de muito custo, terminamos a leitura do texto e fomos para a discussão dialogada.

Nesse momento, a realidade apresentou outro desafio: a forma desrespeitosa com que os alunos se tratam dentro de sala de aula, pois qualquer contribuição do colega era motivo para começarem a bater na mesa/cadeira e começarem os gritos. Estávamos falando sobre preconceitos que nós, seres humanos, construímos em relação a quem é diferente de nós, e a aula estava repleta de gritos com apelidos ofensivos e risadas irônicas, que eles sabiam serem errados, porém o faziam para que toda a turma pudesse rir daquele evento.

Um fato que é relevante pontuar foi o comentário de uma aluna que sentava na frente que nos chamou e disse: “É isso mesmo que vocês escolheram para a vida de vocês?” Esse momento nos causou certo choque e ficamos sem saber o que dizer pois aquela turma estava nos dando motivos para nos fazer exatamente essa pergunta. No final da aula, não tínhamos mais voz para falar mais alto que eles e só aguardamos ansiosamente pelo sinal. Quando aconteceu, saímos da sala sem entender o que tinha acontecido durante aquela aula. Onde estava o diálogo que tanto estudamos? Nossas teorias pareciam, naquele momento, não ter sentido pedagógico nenhum.

Posteriormente às atividades na escola, nos encontramos para uma discussão coletiva de avaliação da experiência na universidade. Com a ajuda da professora orientadora de estágio, conversamos muito sobre o que tinha acontecido para as coisas terem fugido do controle daquela forma. Percebemos que a todo momento a gente exigia silêncio e respeito, gritando e com voz autoritária, e reagimos tentando acuar. Percebemos que é mais difícil o aluno respeitar se o professor gritar o tempo todo. Nós ainda somos alunos e sabemos o quanto isso é terrível.

Avaliando o primeiro encontro, decidimos mudar nossa postura para conseguir terminar o projeto com aquela turma. Entramos em acordo e decidimos nos aproximar mais dos alunos por meio do diálogo, no qual iríamos ter troca de conhecimento e não deixar os alunos passivos de conhecimento, como fizemos no primeiro dia. A dialogicidade não desvaloriza os momentos explicativos do professor, desde que o docente e discente saibam que a postura dele e dos alunos é dialógica, aberta, e não de maneira passiva (FREIRE, 2003).

No segundo dia de aula, estava prevista uma oficina sobre o tema trabalhado na aula anterior (Religião e Etnia). Chegamos na sala e o professor efetivo da turma estava presente. A mudança foi grande, pois o professor “controlava” a turma apenas com a sua presença. Gritos ou batucadas nas mesas logo eram controlados e a turma estava bem mais calma.

Naquele dia, nosso grupo pôde perceber coisas que não percebemos no primeiro dia. Essa turma tem alunos de diversas personalidades e muitos grupos diferentes fazem parte de sua composição. Os bagunceiros, os piadistas, aqueles que humilhavam os mais

“quietos”, os curiosos e os criativos, que pensaram em ótimas frases e que desenhavam muito bem. É claro que, apesar de o professor estar em sala e o nosso diálogo com a turma apresentando novamente nossos objetivos (e sem gritar), de 30 tivemos a efetiva participação de 20 estudantes. Essa foi a nossa primeira sensação de orgulho. A seguir (Figura 2) apresentamos dois *lamb*s produzidos pelos estudantes sobre a temática Religião e Etnia, e na Figura 3, dois *lamb*s sobre Gênero e Sexualidade.

Figura 2: *Lamb*s produzidos a partir da oficina sobre Religião e Etnia



Fonte: Elaboração dos autores.

Figura 3: *Lamb*s produzidos a partir da oficina sobre Gênero e Sexualidade



Fonte: Elaboração dos autores.

Muitas vezes, os professores desmerecem seus alunos pelo comportamento (nós mesmos fizemos isso), sem saber o que está por trás disso, e quando esses alunos surpreendem os professores é algo único.

Nos aproximamos mais dos alunos, permitimos que eles também falassem e com isso foi havendo troca de ideias. Vimos que toda aquela agressividade no primeiro dia era uma atitude de “chamar atenção”; como a atenção não acontecia, eles continuavam com os gritos.

Dessa vez, não deixamos os gritos de imposição tomar conta de nossas emoções. Percebemos que essa atitude deu certo quando saímos da sala, esperando para voltar na próxima semana e quando os próprios alunos nos perguntaram quando retornaríamos. Mesmo com esse resultado nós ainda nos perguntamos se a mudança dos alunos era pela modificação que fizemos em sala ou pela presença do professor titular.

No terceiro dia do projeto, levamos um texto com a temática de gênero e sexualidade. Nesse dia, estávamos sozinhos como no primeiro dia, sem auxílio de professor. Então começamos a aula, um de nós fez a leitura do texto e, desde o momento que entramos na sala, não precisamos pedir silêncio aos gritos, bastava parar na frente da sala e ficar calado por um momento, eles logo se acalmavam.

Os alunos se interessaram muito pelo tema, faziam perguntas, citavam exemplos, às vezes queriam falar mais de um ao mesmo tempo, foi um alvoroço de dúvidas e isso nos deixou muito felizes e nos motivou a continuar falando. Eles mesmos se controlavam e quando um colega tinha um comportamento diferente era taxado pelos outros com: “O, cara, faz silêncio, que quero prestar atenção no professor”. Foi grandioso o que sentimos diante disso.

Ao final dessa aula, realmente tínhamos certeza de que a modificação em nossa conduta/postura em sala foi o que causou a mudança dos alunos em relação a nós.

No último encontro em sala estava tudo tranquilo, a proposta era uma oficina, novamente sobre o tema trabalhado na última aula. Estávamos novamente sem o auxílio de um professor titular e mesmo assim tudo deu certo. Como eles já sabiam como fazer, tivemos uma fala rápida, recapitulamos alguns conceitos, visto que havia alunos que não estavam na aula anterior, e os deixamos livres para construir o material.

À medida que iam terminando, alguns alunos conversavam com a gente, dizendo que os professores não gostam da turma deles, que aquela era a pior turma do colégio. Isso os desmotivava a estudar, porque ninguém os via como realmente eram, assim como nós fizemos com eles no primeiro dia. Muitos professores desta turma também lidavam com eles aos gritos, com imposições, não havia conversa, aproximação, troca de ideias e/ou experiências.

Ao final da aula, nos despedimos dos alunos e o retorno com a gente foi o oposto da recepção no primeiro dia. O resultado do material feito por essa turma foi muito bom, nota máxima; quando vimos cada *lambe* percebemos o sentimento por trás daquela frase

e/ou desenho. No último dia de intervenção, fizemos a exposição da produção dos alunos na Feira Cultural no próprio colégio durante o intervalo.

O maior ponto positivo desse projeto foi nossa capacidade de melhorar uma situação que parecia não ter solução. Percebemos que, com diálogo, teríamos muito mais a ganhar com os alunos ao invés de tentar igualar o tom de voz. Ficamos mais próximos e eles puderam confiar em nós, se permitindo aprender e não somente ouvir e reproduzir. Eles tiveram posicionamentos críticos perante os assuntos e não somente aceitavam o que era dito, não se conformavam e debatiam.

O diálogo é uma ferramenta essencial no convívio entre professor e aluno, cria meios de facilitação na resolução de problemas dentro de sala de aula. Se nós não tivéssemos a humildade de reconhecer nosso erro e ter esperança que aqueles alunos iriam mudar, o projeto iria ser finalizado sem nenhum tipo de reflexão, com a visão de alunos indisciplinados e sem solução, e não teríamos contato com essa experiência, que foi muito importante para nossa formação.

Alunos possuem comportamentos de diferentes formas porque também são diferentes como indivíduo. Cabe ao professor estar disposto a sempre buscar novas maneiras de resolução de problemas em sala que não sejam pautados em punições ou em afastar o aluno do professor.

Considerações finais

A partir do ECO II e do desenvolvimento do PIP, pudemos conhecer a realidade do nosso futuro ambiente de trabalho e verificamos que ele é muito mais dinâmico e pluralizado do que vemos e ouvimos dentro da universidade. Percebemos que a escola vai muito além das paredes que a cercam, perpassa pelas vivências que cada aluno possui e de que maneira a experiência pessoal do discente pode contribuir para sua educação e visão de mundo.

Os desafios para o início da ação docente para o estagiário é recheado de desafios e o diálogo se tornou uma importante ferramenta que auxiliou na criação de um vínculo porque, além de aproximar o docente do aluno, ele também dá voz ao aluno e autonomia para que ele expresse suas ideias e vivências.

Concluimos que ministrar aulas não é um processo fácil, requer muito trabalho, estudo e atenção por parte do profissional docente. Os problemas relacionados às relações interpessoais surgem e não existem receitas para conduzi-los; ainda assim, apostamos no diálogo como estratégia para superar os problemas relacionados ao ensino-aprendizagem na escola para além das definições engessadas. Pensar não é fácil e é altamente perigoso!

Recebido em 18/06/2019. Aprovado em 14/03/2020.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Trad. Adriana Lopes. 1ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 2016.
- GADOTTI, Moacir. Educação e ordem Classista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016b.
- MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições** [online]. v. 25, n. 3, pp. 45-62, 2014.
- NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. Linguagem e alfabetização: dialogando com Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 6, n. 11, p. 19-40, 2011.
- SANTOS, Sayonara Martins dos. **O diálogo como estratégia na formação inicial de professores de ciências e biologia**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- TORRES, Carlos Alberto; FREIRE, Paulo. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire**. EdUPUCRS, Porto Alegre, 2007.